

Particularidades da morfossintaxe das construções ditransitivas com o verbo *DAR* na Língua Gestual Portuguesa ¹

Celda Choupina

Instituto Politécnico do Porto (ESE) / CLUP/ InED

Ana Maria Brito

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CLUP

Fernanda Bettencourt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract:

In this study we analyze some morphosyntactic aspects of the verb *DAR* (to give) in LGP (Portuguese Sign Language) in simple declarative sentences, in particular, two properties: (i) the position of the arguments regarding the verb and (ii) the agreement of the verb with the internal arguments. We defend that the basic word order in ditransitive constructions is S V DO IO, although other syntactic processes, such as simple and double topicalization may, apparently, call into question the existence of that basic pattern.

Keywords: Portuguese Sign Language, ditransitive constructions, morphosyntax, word order, agreement.

Palavras-chave: Língua Gestual Portuguesa, construções ditransitivas, morfossintaxe, ordem de palavras, concordância.

1. Introdução

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) é uma língua natural em que, tal como nas línguas gestuais em geral, a combinação das unidades do sistema (o querema, o gesto e a frase) se realiza

¹ Agradecemos à audiência do XXI Encontro Nacional da APL, assim como a dois revisores anónimos pelos comentários e sugestões de alteração.



articulando processos de linearidade e de simultaneidade, devido à modulação, manuomotora e visuoespacial, que caracteriza este tipo de línguas. De facto, os queremas são, na maior parte dos gestos, de articulação simultânea, sendo esta uma das características que distingue as línguas gestuais das línguas orais (LO). Palavras como AMAR, PESSOA e FELIZ² apresentam realização simultânea em LGP (sequência vertical no espaço e no tempo, cf. Hulst, 1993) e realização linear nas línguas orais (sequência horizontal no tempo).

As unidades mínimas (os queremas) e as formas de combinação são produzidas no espaço à frente do gestuante, com toque ou não no seu corpo, sendo as mãos e os braços os órgãos móveis do aparelho articulatório gestual que as realizam.

No âmbito da sintaxe, as relações gramaticais que se estabelecem entre os elementos nos sintagmas e nas frases são, na maioria dos casos, concretizadas linearmente, podendo falar-se em ordem de palavras ou em ordem de constituintes; no entanto, em algumas frases também são simultâneas (cf., e. o., Choupina, 2015; Bettencourt, 2015). Um exemplo de simultaneidade em LGP é a realização da negação verbal: na expressão *não concordar* a negação é realizada pela componente não manual (CNM) (*headshake*), ao mesmo tempo que se realiza o verbo CONCORDAR. As CNM são um dos componentes dos gestos e das frases e têm funções muito diversas: auxiliares do discurso (como nas LO), expressão de grau, marcadores discursivos e referenciais, expressão de negação.

Também em outras Línguas Gestuais (LG) se verifica a articulação de processos de linearidade e processos de simultaneidade ao nível sintático, como, por exemplo, na LIBRAS³ (Quadros & Karnopp, 2004), em que numa frase como *A menina anda debaixo da árvore* é possível gestualizar o verbo ANDAR em simultaneidade com ÁRVORE, utilizando a mão não dominante para realizar ÁRVORE enquanto a mão dominante (com recurso ao classificador ANDAR-ser humano) realiza a situação de a menina a andar debaixo da árvore.

Esta simultaneidade é promovida pela tridimensionalidade do espaço sintático, espaço onde se realiza o discurso nas LG, e pelo uso produtivo de componentes não manuais (Maclaughlin *et al.*, 2000).

² As maiúsculas assinalam a glosa em PE de gestos da LGP.

³ Língua Brasileira de Sinais.



Em diversos estudos sobre LG, tem sido notado que verbos simples (*plain verbs*) favorecem o padrão SVO, enquanto verbos de concordância (*agreement verbs*) favorecem o padrão SOV (para a HZJ⁴ Milkoviá *et al.*, 2006, para a LIBRAS Quadros, 1999, p.e.). No entanto, este padrão parece poder ser alterado atendendo a diversos mecanismos morfossintáticos, pragmáticos ou discursivos, como é o caso do uso de classificadores, os quais promovem a ocorrência de construções simultâneas (Leeson & Saeed, 2012: 257), licenciando movimentos sintáticos de vários tipos.

Embora haja alguns estudos sobre aspetos da morfossintaxe da LGP (e.o., Amaral *et al.*, 1994; Delgado-Martins, 1996; Graça *et al.*, 1999; Faria *et al.*, 2001; Bettencourt, 2015), a relação entre ordem, seleção argumental e concordância continua a ser um tema pouco explorado. Por essa razão, neste artigo, propomo-nos analisar alguns aspetos morfossintáticos do verbo DAR, em frases simples declarativas, a partir de um breve *corpus* recolhido no âmbito da dissertação de mestrado sobre ordem de palavras em LGP de Fernanda Bettencourt, defendida em 2015 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na análise dos exemplos, observaremos duas propriedades: (i) a posição dos argumentos relativamente ao verbo e (ii) a concordância do verbo com os argumentos, de modo a verificar até que ponto estas duas propriedades estão relacionadas.

Assim, o artigo está organizado do seguinte modo: depois de, na Introdução, apresentarmos algumas propriedades fundamentais definidoras da estrutura e do funcionamento das línguas gestuais, no ponto 2. faremos algumas considerações metodológicas sobre a recolha do *corpus*; no ponto 3. faremos uma primeira análise dos dados recolhidos; no ponto 4. tentaremos uma análise sintática das frases obtidas, de acordo com desenvolvimentos recentes sobre a sintaxe das LG; finalmente, apresentaremos algumas conclusões deste estudo exploratório, e as referências bibliográficas e os anexos fecharão o artigo.

⁴ Língua de Sinais Croata (HZJ).



2. Metodologia utilizada

2.1. Os informantes ⁵

No estudo realizado por Bettencourt (2015) sobre ordem de palavras em LGP, usaram-se dois tipos de estímulos para a eliciação de produções verbais em LGP: (i) estímulos visuais não verbais e (ii) estímulos visuais verbais. Os primeiros foram utilizados em dois tipos de tarefas: na primeira, de produção e de compreensão da produção, foram utilizadas imagens com situações reversíveis; e, na segunda, apenas de produção, foram utilizadas imagens com situações não reversíveis; os segundos estímulos, compostos por enunciados escritos em Português, foram utilizados na segunda experiência como forma de eliciação de produções em LGP. Como o objetivo do estudo era apenas discutir a ordem de palavras/constituintes em frases com verbos transitivos diretos, monoargumentais, os estímulos (não verbais e verbais) que potencializariam frases com verbos ditransitivos e aqui analisadas funcionaram, naquele estudo, apenas como distratoras.

No estudo desenvolvido por Bettencourt, participaram seis informantes Surdos – dois jovens filhos de pais Surdos (A.1 e A.2, 21 e 19 anos), dois jovens filhos de pais ouvintes (B.1 e B.2, ambos com 24 anos) e dois adultos filhos de pais ouvintes e docentes de LGP (C.1 e C.2, 42 e 36 anos) –, todos do sexo masculino, exceto um. A aquisição da LGP por parte dos informantes filhos de pais ouvintes deu-se entre os 4 e os 7 anos, através do contacto com os pares na escola e/ou em centros de acolhimento com regime de internato, portanto, em contexto informal. Todos usam a LGP como primeira língua (L1)⁶ e o Português como segunda língua (L2). Participaram também duas informantes ouvintes, intérpretes de LGP (D.1 e D.2), com aprendizagem da LGP como L2, tendo-a iniciado aos 17/18 anos, e experiência profissional de 9/10 anos, respetivamente, no mesmo tipo de contextos (escolas básicas e secundárias, ensino superior e conferências). Nenhuma delas tem familiares Surdos; porém, ambas têm contacto com a comunidade Surda fora do contexto de trabalho.

⁵ Os quatro parágrafos seguintes são extraídos, com pequenas alterações, de Bettencourt (2015).

⁶ Para 2 gestuantes, a LGP foi adquirida e desenvolvida em ensino formal de LGP no 1.º Ciclo; para 2, no secundário; e para outros 2, apenas depois de adultos.



Para minimizar possíveis constrangimentos sociolinguísticos, no trabalho de Bettencourt são controlados alguns fatores: o nível etário, o grau de escolaridade, a região onde a LGP foi adquirida e os contextos em que é usada. Assim, todos os informantes adquiriram a LGP na região Norte (grande Porto), onde vivem e estudam ou trabalham, tendo-se - na tarefa de produção e compreensão - formado pares, cada um deles constituído por informantes com idades próximas, idade aproximada de aquisição da LGP, contextos em que a usam e grau de escolaridade. Apesar da seleção baseada em critérios sociolinguísticos, encontrámos algumas diferenças entre eles: gerações de Surdos na família; fluência em LGP dos familiares; frequência de escolas em que a LGP era ou não valorizada, a par do oralismo; interesse de pais ouvintes em aprender a LGP para comunicação com os filhos, maior ou menor influência do Português.

Dos informantes Surdos, ambos os jovens filhos de pais Surdos (par A) afirmaram ter surdez severa, ao que parece sem distinção dos sons da fala, embora o informante A1 use aparelho auditivo; todos os informantes filhos de pais ouvintes (pares B e C) afirmaram ter surdez profunda, portanto, não têm acesso aos sons da fala; nenhum destes quatro informantes usa aparelhos auditivos ou tem implante coclear. Apesar de nenhum dos informantes Surdos ter alguma vez tido acesso aos sons da língua oral, são todos escolarizados; portanto, todos fizeram a aprendizagem do Português escrito (embora uns com maior sucesso do que outros), desde que entraram para a escola; porém, não temos forma de controlar o impacto que a gramática desta língua possa eventualmente ter tido na gramática da LGP de cada um deles.

2.2. Instrumentos

O *corpus* sobre o qual Bettencourt (2015) trabalhou para o estudo da ordem de palavras / ordem de constituintes em LGP foi composto por dados de produção e de compreensão (frases simples declarativas) e foi constituído a partir de duas estratégias de recolha de dados: a **Estratégia 1** foi composta por duas tarefas – uma de produção elicitada e compreensão e outra apenas de produção, ambas partindo de estímulos visuais não-verbais para a elicitação de produção e da compreensão em LGP (cf. Anexos 1 e 2) – e a **Estratégia 2** foi de produção provocada a partir de estímulos verbais (frases escritas em Português). A primeira foi adaptada do



estudo realizado por Volterra *et al* (1984) e replicado, com pequenas adaptações, por autores como Kimmelman (2011) e Sze (2003); a segunda foi inspirada no estudo realizado por Cecchetto *et al* (2006).

As imagens que potenciariam frases ditransitivas⁷, utilizadas neste estudo exploratório, eram imagens distratoras relativamente ao objetivo central da dissertação de Fernanda Bettencourt, não nos tendo sido possível montar uma experiência autónoma para a compreensão e produção de frases com esta classe de verbos. A diversidade de construções com o verbo DAR que pudemos recolher e analisar deu-nos, contudo, importantes pistas sobre a ordem, sobre concordância e sobre a própria estrutura e mecanismos sintáticos na LGP. No entanto, acentuamos o carácter exploratório deste estudo, devido à escassez de dados e uma vez que não resultam de nenhum desenho experimental próprio, mas apenas de estratégias de recolha de dados, por meio de tarefas de elicitación verbal em LGP, encaixadas numa outra experiência.

2.3. Procedimentos

Todas as produções foram gravadas em vídeo e transcritas para glosa de acordo com o Protocolo de transcrição de língua gestual, também seguido por Bettencourt (2015).

Estratégia de recolha de dados 1 – Tarefa 1 – Tarefa de produção elicitada e de compreensão a partir de estímulos visuais não-verbais

Os informantes foram organizados aos pares, sendo que um dos elementos do par produzia um enunciado em LGP que ilustrasse a situação observada na imagem estímulo apresentada (cf. ilustrações 1a e b) e o outro selecionava a imagem (de duas mostradas em situação reversível) que melhor representava a situação compreendida na produção em LGP (agora visualizada em vídeo). A resposta, seleção de uma das imagens, foi registada pelo investigador.

⁷ Agradecemos a Luís Pedrosa pela gentileza e paciência que teve ao desenhar as imagens estímulo que serviram de base a este pequeno estudo sobre os verbos ditransitivos na LGP.



Estratégia de recolha de dados 1 – Tarefa 2 – Tarefa de produção elicitada a partir de estímulos visuais não-verbais

Todos os informantes produziram um enunciado em LGP que ilustrasse a situação observada no estímulo visual não-verbal (cf. Ilustração 2), sendo que todas as produções foram gravadas em vídeo.

Estratégia de recolha de dados 2 – Tarefa de produção elicitada a partir de estímulo visual verbal

Todos os informantes produziram um enunciado em LGP que ilustrasse/traduzisse a situação apresentada no estímulo visual verbal, tendo sido gravado em vídeo. O estímulo visual verbal para o verbo DAR foi a frase em PE: *O pai deu o livro à mãe.*

3. Apresentação dos dados e primeira análise morfossintática

3.1. Formas de concordância do verbo com os argumentos

Ao nível morfossintático, os verbos das línguas gestuais têm sido organizados em três classes, no seguimento da proposta classificatória de Padden (1988) e reformulada em Padden (1990), para a Língua Gestual Americana (American Sign Language, ASL): i) verbos simples (*plain verbs*), sem qualquer marca de concordância, portanto, sem afixos locativos e sem flexão de pessoa e número (como é o caso dos verbos PENSAR, SONHAR, AMAR e ESQUECER, em LGP); ii) verbos de concordância (*agreement verbs* ou *inflecting verbs*), com marca de pessoa, número e aspeto, mas sem afixos locativos (por exemplo, os verbos DAR, DIZER e OFERECER, em LGP); iii) verbos espaciais (*spatial verbs*), classe de verbos sem flexão em pessoa, número e aspeto, mas que aceitam afixos locativos, *Locus* espaciais inseridos no espaço sintático (como, por exemplo, os verbos PÔR, IR e VIR, em LGP) (Padden, 1990: 119).

Segundo a tipologia de Padden (1988;1990), podemos, então, considerar o verbo DAR como verbo de concordância, dada a concordância sintática que se pode estabelecer entre os argumentos sintáticos e o verbo. Entenderemos concordância sintática, na esteira de vários estudiosos de línguas gestuais (e.o., Fischer, 1973; Maclaughlin *et al.*, 2000; Quadros & Quer, 2008) como marcas determinadas por razões sintáticas e/ou semânticas:



a concordância sintática (e/ou semântica) é interpretada como uma relação gramatical estabelecida com o sujeito e/ou com os argumentos objeto do predicado e é morfologicamente realizada pelo movimento de trajetória e/ou de orientação (Quadros & Quer, 2008: 66).

Neste sentido, o verbo carrega, à semelhança do que acontece nas LO, uma marca que reflete propriedades morfológicas específicas do argumento controlador, por um mecanismo sintático de cópia de traços do índice referencial para o verbo: nas LO, é proeminente o Sujeito; enquanto nas LG pode ser qualquer argumento verbal⁸ e, em casos bastante particulares, os adjuntos (nomeadamente, quando se trata de verbos com classificador, cf. Quadros, 2011: 46). Nas LG, além de vários argumentos poderem controlar a concordância verbal (Quadros & Quer, 2008: 67), esta manifesta-se morfologicamente por afixos distintos: a trajetória de movimento faz a concordância com os argumentos Sujeito (Agente/Fonte) e OI (Recipiente), nos verbos ditransitivos, ou OD (Tema/Objeto/Alvo), nos verbos transitivos diretos, e a orientação e/ou configuração da(s) mão(s) são determinadas pelo argumento OD (Tema/Objeto), em alguns verbos manuais (como PINTAR, CORTAR, em LGP). No exemplo apresentado em (1a), os três argumentos verbais são realizados por material lexical; no entanto, em (1b), o verbo é o único elemento expreso lexicalmente, carregando marcas morfológicas que espelham a concordância com os índices referenciais relativos ao Sujeito (PRO-_{1s}) e ao OI (PRO-_{3s}), realizadas pelo movimento de trajetória do corpo do gestuante para o ponto espacial associado à terceira pessoa (o lado não dominante do espaço sintático), sendo que o OD se encontra subentendido.

(1) a) JOÃO DAR LIVRO MARIA (Amaral *et al.*, 1994:124)
'O João dá o livro à Maria'

b) PRO-_{1s} DAR-PRO-_{3s} (Amaral *et al.*, 1994:125)
'Eu dou-lhe'

Desta forma, o verbo DAR incorpora os pontos espaciais relativos aos argumentos Sujeito e OI. O mesmo pode acontecer entre o Sujeito e o OD, como é o caso do verbo AJUDAR, por exemplo na LIBRAS (2), em que o verbo inicia o seu movimento do lado esquerdo do espaço

⁸ Ainda que os diversos estudos no âmbito da morfossintaxe das LG apontem como motivações para a concordância sintática e/ou semântica dos verbos de concordância as propriedades sintáticas e semânticas dos vários argumentos sintáticos, a verdade é que a grande peculiaridade tipológica da concordância verbal em LG, diferentemente das LO, se encontra na proeminência do objeto em relação ao sujeito na concordância verbal (cf. Meir *et al.*, 2007).



sintático, incorporando a posição do JOÃO, e se direciona e orienta na direção do lado direito, a fim de incorporar a posição da MARIA:

- (2) <e>AJUDAR<d> (Quadros, 2011: 56)
'O João ajuda a Maria'

Neste exemplo, o Sujeito e o Objeto foram omitidos lexicalmente, mas são facilmente recuperados pelos pontos inicial e final do movimento de trajetória do verbo, que incorpora as posições que foram estabelecidas previamente de forma explícita no discurso, através de índices referenciais colocados no espaço sintático.

Esta incorporação, explícita morfológicamente no verbo das LG, é considerada flexão verbal por concordância sintática, tal como referido por diversos autores, entre os quais Fischer (1973), Padden (1988), Meir (1998), Maclaughlin *et al.* (2000), Quadros & Quer (2008), Quadros (2011). Assim, o verbo pode ser realizado com movimento de trajetória e orientação da mão específica para concordar com os argumentos. Outra situação que tem sido discutida no âmbito da concordância sintática é a questão da incorporação de um Classificador (CL) (normalmente por meio de uma configuração da mão, icónica e semanticamente relacionada com propriedades dos referentes do SN) para concordar, normalmente, com o OD⁹.

Allan (1977) estudou diversas línguas indígenas com CL e concluiu que os sistemas de classificadores existentes nas línguas faladas constituem um conjunto completo e universal, mas que se agrupam em diferentes tipos. Entre esses agrupamentos de línguas, encontram-se as línguas de classificadores predicativos¹⁰. Allan (1977) estabeleceu diversos critérios para definir as suas classificações das línguas estudadas, tendo concluído que os classificadores se realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas; têm significado, já que os classificadores denotam alguma característica saliente ou imputada a uma entidade que é referida

⁹ Diversos autores se têm debruçado sobre a questão da concordância sintática e da incorporação de classificador. Ver, e.o., Felipe (2002) e Quadros (2011) para uma síntese das várias opiniões em torno da discussão sobre a teoria da incorporação de classificador ser ou não o espelho de concordância sintática. Neste trabalho, considerá-la-emos como marca de concordância verbal.

¹⁰ Línguas de classificadores predicativos são línguas que possuem verbos classificadores, que variam o radical de acordo com as características das entidades que participam enquanto argumentos do verbo como, por exemplo, os verbos de movimento/localização em *Navajo* e os verbos classificadores em outras línguas *Athapaskan*, subfamília de línguas faladas no Sudoeste da América do Norte (cf. Pizzio *et al.*, 2009: 7/37, e os estudos aí referidos).



por um nome ou SN. Tais conclusões têm sido verificadas em diversas línguas gestuais, incluindo a LGP, como já enunciado brevemente em Nascimento & Correia (2011: 107-115).

Os CL, nas línguas gestuais, são descrições visuais agregadas a um gesto, nominal ou verbal, normalmente com a função de descrever ou especificar as propriedades de um referente (cf. Quadros, 2011: 45). Segundo Pizzio *et al.*, 2009, o classificador é um tipo de morfema específico:

os classificadores, utilizados através das configurações de mãos, podem ser afixados a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico) (Pizzio *et al.*, 2009:14/36).

Os CL predicativos (ou verbais) ocorrem, então, sob a forma de morfemas presos, incorporados à raiz do verbo a fim de categorizar¹¹ o referente dos seus argumentos em termos de forma, consistência, tamanho, estrutura, posição e animacidade (cf. e.o., Felipe, 2002; Pizzio *et al.*, 2009; Nascimento & Correia, 2011, para as línguas gestuais em geral e a LIBRAS em particular).

Estes tipos de CL são a marca da existência de um argumento Sujeito ou Objeto e, mais raramente, podem estabelecer uma relação com os adjuntos. Assim, o SN argumento que o CL marca pode estar apenas incorporado no verbo, por meio precisamente do CL, ou pode ocorrer no CL verbal (ABRIR_{CL:porta}) e, em simultâneo, por meio do SN expresso lexicalmente (PORTA), como se verifica em (3):

(3) PORTA ABRIR_{CL:porta} (*Spread the sign*, dicionário multilíngue de línguas gestuais, consultado a 23/10/2015)
'abrir porta'

No entanto, tal como em várias LG, na LGP, e no que ao verbo DAR diz respeito, há uma forma neutra de DAR que pode ser utilizada sem concordância com os argumentos internos, seja com o OI, por meio do movimento, seja com o OD, pelo uso de CL (cf. ilustração 1).

¹¹ Amaral *et al.* (1994: 126) denominam os morfemas classificadores de categorizadores pela sua função categorizadora, isto é, especificadores de classes.





Ilustração 1: Verbo DAR na sua forma neutra (imagem retirada do *Spread the sign*, dicionário multilingue de línguas gestuais, a 23/10/2015)

Nas vinte produções obtidas, foram as seguintes as formas de realização do verbo em estudo: o verbo *DAR* foi realizado na sua forma neutra, portanto sem qualquer concordância e incorporação de CL, em 10 frases (50%); com concordância apenas com o OD 7 vezes (35%); com concordância apenas com o OI 3 vezes (15%); e com ambos em nenhuma das produções (Ver Quadro I para uma síntese)¹². Os CL utilizados representam a forma dos objetos em questão: *flor*, *caixa* e *livro* (cf. estímulos visuais não-verbais, anexos I e II).

Verbo	Forma neutra	Concordância apenas com OD (CL)	Concordância apenas com OI (M)	Concordância com OD (CL) e OI (M)	Total
DAR	10 (50%)	7 (35%)	3 (15%)	0(0%)	20 (100%)

Quadro 1: Ocorrências do verbo DAR em dados de produção segundo o tipo de concordância

Passaremos, a seguir, à apresentação dos dados relativos às vinte produções com o verbo *DAR*, em LGP, que constituem o *corpus* deste estudo-piloto. A secção seguinte está organizada segundo a posição dos argumentos relativamente ao verbo.

3.2. Posição dos argumentos em relação ao verbo

3.2.1. Posição do Sujeito

Das 20 frases, 17 (85% das produções) apresentam o Sujeito na primeira posição. Das 3 em que não ocorre mais à esquerda, duas têm estrutura OD S V OI, sem uso de CL (cf. exemplos (4) e (5)) e uma apresenta uma estratégia discursivo-narrativa (cf. 6), que comentaremos mais adiante.

¹² Realçamos novamente o número muito reduzido de produções em estudo, pelo que estes dados são apenas orientadores e constituem um primeiro *corpus* para um estudo exploratório no âmbito das construções ditransitivas em LGP, não se pretendendo que constituam uma amostra representativa, razão pela qual não se aplicaram medidas estatísticas no tratamento dos dados.



(4) LIVRO PAI DAR MÃE (LGP, Ex. II, B.2).

(5) LIVRO PAI DAR MÃE (LGP, Ex. II, C.2)

(6) DOIS NAMORADOS / RAPAZ DAR NAMORADA DELE (LGP, Ex. I, T I, A.2)

Apesar destas três ocorrências, parece ser indiscutível que a posição de Sujeito é, prototipicamente, antes do V e na primeira posição da frase.

3.2.2. Posição do OD e do OI

Nas 20 frases obtivemos os seguintes padrões de ordem:

(i) 12 frases (60%) em que o OI está realizado por SN¹³ no final da frase, independentemente de o OD estar antes ou depois do V. Apresentamos o quadro 2 para ilustrar a distribuição de diferentes ordens e posições do OD e do OI por experiência.

	S V OD OI	S OD V OI	OD S V OI	S OD V _{CL} OI	S V _{CL} OD OI	S V _{CL} _ OI	Total
Est. I – tarefa 1		1			1		2
Est. I – tarefa 2		2		1		3	6
Est. II	1		2		1		4
Total	1	3	2	1	2	3	12 (60%)

Quadro 2 – Distribuição das ordens e posição do OD e do OI por estratégia

Nas produções destes falantes de LGP, a posição final de frase parece ser preferível para a colocação do OI.

(ii) 3 frases (15%) em que o OI vem em posição pré-verbal, mas é retomado por clítico verbal, através da direção de movimento para o índice espacial do referente recipiente.

(7) MENINA_a MENINO_b FLOR_aDAR_b (Ex. I, T1, B.1)

Na tarefa de compreensão, a produção (7) não apresentou qualquer dificuldade.

(8) MENINO_a MENINA_b aDAR_b PRESENTE (Ex. I, T 2 B.1)

¹³ A LGP, à semelhança de outras LG, não tem artigos, mas pode realizar a definitude tipicamente por meio de apontações num ponto específico no espaço sintático (apontando para os *locus* dos referentes); por essa razão usamos, como é tradicional nos estudos sintáticos sobre estas línguas, a categoria SN. O termo apontação é comum nos estudos linguísticos sobre a dêixis de pessoa nas línguas gestuais (e.o. Maclaughlin *et al.*, 2000), nomeadamente nas traduções para português variante português do Brasil (e.o. Quadros & Karnopp, 2004), pelo que a adotaremos neste estudo.



(9) PAI_a MÃE_b / PAI_a DAR_b PRESENTE LIVRO (Ex. II B.1)

A produção (9) apresenta particularidades discursivo-pragmáticas que discutiremos mais adiante.

(iii) 3 frases (15%) em que todos os argumentos ocorrem em posição pré-verbal, sem clítico/direção de movimento no verbo (S OD OI V).¹⁴

(10) RAPAZ PRESENTE MULHER DAR (Ex. I, T 2, D.1)

(11) PAI LIVRO MÃE DAR (Ex. II, D.1)

(12) PAI LIVRO MÃE DAR_{CL OBJETO ESPALMADO} (Ex. II, D.2)

De realçar que na produção glosada em (12) o verbo incorpora uma marca do OD antes gestualizado por SN, pelo uso de CL típico de objetos espalmados (LIVRO), e nas produções (10) e (11) o verbo apresenta a sua forma neutra. As três produções foram realizadas pelas informantes intérpretes de LGP.

(iv) 1 frase (5%) em que o OI se encontra em posição pós-verbal mas antes de OD, sem uso de CL.

(13) PAI DAR MÃE LIVRO (Ex. II, C.1)

(v) 1 frase (5%) em que o OI não foi gestualizado e o OD se encontra antes do V.

(14) MULHER FLOR DAR (Ex. I, T1, D.1)

O verbo DAR apresenta a forma neutra em (14) e, na tarefa de compreensão, o gestuante revelou compreender esta produção sem qualquer dificuldade.

¹⁴ Estas produções são das intérpretes, que têm a LGP como L2, podendo ter sido influenciadas pela ideia generalizada de que o V vem sempre em posição final de frase.



3.3. Primeira análise morfossintática

Feita a apresentação das vinte produções ditransitivas com o V DAR em LGP, importa agora efetuar uma primeira análise, em que, como anunciado, nos interessa relacionar a ordem de palavras, a estrutura argumental do verbo e as formas ou mecanismos de concordância.

Perante a ilustração 1a (cf. Anexo 1), um estímulo visual não-verbal, um jovem gestuante produziu o enunciado apresentado em (15) e perante o estímulo visual verbal *O pai deu o livro à mãe*, dois informantes gestualizaram as produções glosadas nos exemplos (16) e (17).

(15) HOMEM DAR_{CL} FLOR MULHER (Ex. I, T1, A.1)

(16) PAI DAR LIVRO MÃE (EX. II, A.1.)

(17) PAI DAR_{CL} OBJETO_ESPALMADO LIVRO MÃE (Ex. II, A.2)

Nos três exemplos a ordem é S V OD OI, sendo que o verbo (V) ocorre na mesma posição, depois do Sujeito (S) e antes do Objeto Direto (OD), e o objeto indireto (OI), também expresso por SN, ocorre na última posição da frase, o que pode apontar para uma ordem não marcada S V OD OI, como em muitas línguas orais (cf. Costa (2009) para o Português) e gestuais (Maclaughlin *et al.*, 2000; Meir, 2002, e.o.). Contudo, apenas no exemplo (13) o verbo é realizado na sua forma neutra e sem qualquer marca de concordância, não parecendo haver grandes diferenças ao nível da ordem e do tipo de verbo realizado comparando as produções elicitadas por estímulo não-verbal (12) e as elicitadas por estímulo verbal (16 e 17).

Em (12) e (14) o verbo apresenta, pela configuração da mão, concordância com o objeto, através do classificador (CL) de forma, em concordância icónica com FLOR (15) e com LIVRO (17), seguido de expressão linguística de OD por meio de SN. Parece-nos que (15) e (17) não põem em causa a ordem S V OD OI, apenas expressam de forma “redundante” o OD, dado que é realizado, em cada frase, simultaneamente pelo CL verbal e pelo SN pós verbal.

Esta concordância do V com o OD e a coocorrência, na mesma frase, de CL e do OD expresso linguisticamente por SN verificou-se também em outras frases do *corpus*, embora com o OD em posição pré-verbal, como nos exemplos de (18) e (19).



(18) MENINO FLOR DAR_{CL} MENINA (Ex. I, T1, C.1)

(19) MENINO PRESENTE DAR_{CL} MENINA (Ex. II, B.2)

O OD expresso por SN¹⁵, como em (18) e (19), parece, portanto, poder ocupar as duas posições (pré- e pós-verbal) independentemente de ser ou não retomado por CL. Por essa razão, estes dois exemplos levantam um problema interessante: como pode o V carregar concordância com OD ou incorporá-lo, estando este numa posição pré-verbal? Voltaremos a esta questão mais adiante.

Outras produções contribuem para esta reflexão de forma particular: em (20), o V ocorre em posição final de frase igualmente com incorporação de CL, em concordância com o OD, que se encontra, por sua vez, expresso por SN após o S (PAI) e antes do OI (MÃE); em (21), há total simultaneidade de V e do CL, sem realização linguística de OD por SN (podendo, portanto, propor-se que se trata de um OD nulo), sendo que o V não ocupa a posição final de frase. Não sendo possível, neste último exemplo, tirar conclusões acerca da posição do constituinte OD relativamente ao V, por causa da sua realização simultânea, tal como Leeson & Saeed (2012: 257) afirmam para exemplos semelhantes em ASL, outra questão se levanta: como é que o V adquiriu concordância com o OD, sendo este nulo linguisticamente? Comparadas as produções de (15) a (21), poderemos inferir que pode haver uma sucessão de operações sintáticas: V na forma neutra seguido da realização linguística de OD por meio de SN (16); V com incorporação/CL seguido ou antecedido da realização linguística de OD por meio de SN, (17) a (20); finalmente, apagamento do SN OD e estrita realização de V+CL (21).

(20) PAI LIVRO MÃE DAR_{CL} OBJETO ESPALMADO (Ex. II, D.2)

(21) HOMEM DAR_{CL:OBJETO EM FORMA DE CAIXA} MENINA (Ex. I, T2, A.1)

Sabendo nós que há uma forma lexical para o verbo DAR, na sua forma neutra (cf. gestos na Ilustração 1), pensamos que ocorreu uma incorporação do N no V e uma realização

¹⁵ O OD pode não ser realizado por um SN independente do verbo, por exemplo, quando apenas é expresso no CL verbal, ou quando simplesmente é omitido.



amalgamada: a componente manual (CM) advém iconicamente do OD e o movimento e ponto são parâmetros de formação do V.

Na maior parte das frases do *corpus* analisado (85%), o sujeito sintático ocupa a posição de tópico não marcado ou tópico frásico, ou seja, acumula a função de sujeito sintático e a de tópico acerca do qual se profere um comentário. No entanto, encontrámos duas construções, produzidas a partir do estímulo verbal, com anteposição do OD ao S, i.e., com o OD na posição mais à esquerda da Frase (cf. (22) e (23)):

(22) LIVRO PAI DAR MÃE (Ex. II, B.2)

(23) LIVRO PAI DAR MÃE (Ex. II, C.2)

Em (22) e (23), o OD ocorre na primeira posição, seguido da restante estrutura, S V OI, sendo que o verbo apresenta a sua forma neutra (sem concordância em pessoa e número e sem incorporação de CL). À superfície, tais produções poderiam ser explicadas por topicalização do OD Tema, nos moldes do tratamento das línguas orais (LO) (cf. Duarte, 1987; 2013). Na topicalização, o tópico respeita as propriedades de seleção do verbo e a ele corresponde uma posição silenciosa no comentário, tal como descrito para o Português por Duarte (2013: 416-417) para exemplos como os de (24) e para a LIBRAS por Quadros & Karnopp (2004: 146-156) para exemplos como os transcritos em (25).

(24) a) Piscina, não sabia que tinha_. (CRPC, PF 1183; exemplo 54a)

b) Nesse político, não voto_. (CRPC, PF 1183; exemplo 54b)

(25) a) <[FUTEBOL]_i>t <JOÃO GOSTAR _{t_i}> (Quadros & Karnopp, 2004: 147)

‘De futebol, João gosta’

b) <[FRANÇA]_i>t <EU VOU _{t_i}> (Quadros & Karnopp, 2004: 149)

‘Para França, Eu vou’



Segundo Duarte (2013), as construções topicalizadas deste tipo, com tópicos marcados que respeitam as propriedades de seleção dos verbos e não são retomados no comentário, distinguem-se de outras, como as de deslocamento à esquerda clítica ou de topicalização não canónica/selvagem, pelo facto de pesarem sobre o comentário restrições de vários tipos, com realização de, pelo menos, uma característica (Duarte, 2013: 420): (i) ocorrência de material lexical à direita da posição silenciosa a que o constituinte topicalizado está associado; (ii) forma negativa do comentário; (iii) ocorrência no comentário de advérbios aspetuais (p.ex. *já*) ou de focalização (p.ex. *só*); (iv) produção de um dos constituintes do comentário produzido com o acento característico dos focos.

Tendo em conta estes pressupostos, verificamos que os exemplos (22) e (23) cumprem, pelo menos, a primeira daquelas características, uma vez que, a admitirmos a ordem SVO como sendo a ordem básica da LGP, o OI se realiza no final de frase e depois da posição base do OD.

No entanto, uma análise mais atenta das produções levou-nos a concluir que existe uma componente não manual (CNM) complexa, realizada em simultâneo com o OD deslocado para a periferia esquerda, típica das LG (cf. Bahan, 1996, para a ASL) no exemplo (22), repetido em (26), com a anotação da CNM. Além desta marcação no OD topicalizado, o OI (MÃE), elemento interno ao comentário na sua suposta posição de base, parece também ser realizado com um ligeiro inclinar de cabeça (marcado com *ic* na glosa), que pode ser considerado como uma propriedade semelhante ao acento característico do foco nas LO.

_____ic/ls _____ic

(26) LIVRO PAI DAR MÃE (Ex. II, B.2)

Segundo Quadros & Karnopp (2004), para a LIBRAS, a componente não-manual pode ser identificada como a marca de tópico, delimitando esta as fronteiras da topicalização e não podendo espalhar-se de forma contínua e ininterrupta por toda a frase. Ora o exemplo (26) ilustra perfeitamente o defendido para a LIBRAS, a marcação do tópico é independente da marcação que se realiza sobre o OI (foco).



A aceitar que a CNM licencia a deslocação do OD para tópico (como tópico marcado), podemos continuar a defender que a ordem de constituintes básica em LGP, mesmo com verbos ditransitivos, é SVO, ou seja, S V OD OI.

No entanto, outras frases apresentam-se mais complexas, nomeadamente aquelas em que parece haver uma deslocação dupla e uma retoma do tópico no comentário por meio de movimento direcional do verbo. Nestas circunstâncias encontra-se o exemplo (27).

(27) MENINO_a MENINA_b _aDAR_b PRESENTE (Ex. I, T2, B.1)

A aceitar para a LGP o que foi descrito para a LIBRAS por Quadros & Karnopp (2004), em (27) encontramos um tópico duplo, em que S e OI se encontram deslocados para a posição à esquerda, ambos associados a posições argumentais do verbo DAR. A novidade deste exemplo encontra-se na concordância verbal: o movimento direcional do verbo parte do ponto associado ao S e termina no ponto convencionado para o OI.

No *corpus* em estudo há construções em que parece haver duas deslocações (ou tópico duplo) e, simultaneamente, realização dos itens deslocados e ainda concordância verbal em número e pessoa no V com os elementos em tópico. Em duas das frases, há evidências de concordância com o S, através do ponto inicial do movimento do verbo, expressando assim concordância de pessoa e número, tal como defendido por Maclaughlin *et al.* (2000) para os verbos ditransitivos na ASL. No entanto, em nenhuma das frases da LGP esta concordância de S ocorre independente da concordância com o OI, tipicamente expressa pelo ponto final do movimento verbal, i.e., sempre que o verbo DAR é executado com movimento de concordância (portanto, com movimento direcional), este parte do sujeito sintático/agente e termina no OI/recipiente. Outro dado interessante se pode verificar nas frases (28) e (29): a concordância com o S e com o OI por meio da trajetória direcional entre os pontos referenciais coocorre com a expressão linguística desses argumentos, precisamente em posição inicial de frase.

(28) MENINA_a MENINO_b MENINA_a FLOR _aDAR_{CLb} (Ex. I, T1, B.1)

(29) PAI_a MÃE_b / PAI_a _aDAR_b PRESENTE LIVRO (Ex. II, B.1)



Não há dúvida de que, nestes exemplos, os argumentos S e OI ocorrem expressos no comentário (ou por SN reduplicado ou por meio de clítico verbal) e também em tópico, na periferia esquerda das frases: em (28) a ordem à superfície é S OI S OD V; em (29) é S OI / S V OD. Uma hipótese explicativa para estas estruturas é aceitar que também na LGP há dupla topicalização. A dupla topicalização tem sido proposta para as LO por Rizzi (1997), para o Italiano, e por Duarte (1987), para o PE. No entanto, (28) e (29) são construções diferentes: enquanto em (28) há uma realização contínua de toda a frase, em (29) há uma pausa discursiva entre os dois SN iniciais e o resto da frase.

Assim, consideraremos que a primeira frase resulta de um processo de deslocação dupla e da realização de cópias dos itens deslocados, na posição base no comentário, como se ilustra em (30), e tal como defendido para a LIBRAS (Quadros & Karnopp, 2004) para frases como (31).

(30) <[MENINA]_{t_i} [MENINO]_{t_j}> <MENINA_{t_i} FLOR _{t_i} DAR_{CL} _{t_j}>

(31) <FUTEBOL>_t JOÃO GOSTAR FUTEBOL (Quadros & Karnopp, 2004: 151)

Veja-se, no entanto, que a frase (28) tem uma ordem de constituintes diferente da frase (29), dado que o V ocorre em posição final em (28) e antes do OD em (29). Será que o padrão de ordem verificado em (28) justifica a proposta de que a LGP é SOV? Não nos parece, apesar de muitos docentes de LGP assim o ensinarem nas suas aulas e muitos intérpretes e professores de LGP o replicarem nas suas produções. Muitos autores têm afirmado que a presença de concordância verbal permite a elevação do OD para uma posição mais alta na estrutura: repare-se que o CL faz a concordância com o OD e realiza-se em simultâneo com o V. Esta simultaneidade é vista por alguns investigadores como motivadora da tese de que as LG têm ordem de constituintes e não ordem de palavras (cf., e.o., Neeson & Saeed, 2012), uma ideia que, afinal, também se aplicaria às LO pela existência de classificadores (CL) e clíticos. Manteremos, no entanto, a designação “ordem de palavras”, por estar consagrada na literatura.



Note-se que construções do tipo da transcrita em (29) têm sido analisadas na literatura não como resultantes de topicalização, mas como aplicação de um processo mais geral, comum a várias LG, de introdução de referentes no espaço sintático, isto é, uma estratégia discursivo-narrativa (cf. Padden, 1990, e Bahan, 2000, para a ASL). O que tem motivado esta análise é a existência de uma pausa entre os elementos introduzidos no discurso, como em (29) acontece a seguir a PAI e MÃE. Assim, pensamos que (29) se divide em duas partes: na primeira, há uma primeira expressão referencial, ou melhor, uma apresentação de dois referentes; na segunda parte da frase, há a apresentação do evento propriamente dito, em que apenas o argumento S Agente é realizado novamente, dado que o OI, o Recipiente, é retomado por concordância com o movimento direcional do verbo para o índice espacial criado na primeira parte do evento. Padden (1990) analisou estruturas semelhantes na ASL. Com o argumento de que as línguas com parâmetro nulo permitem a retoma dos referentes antes inseridos, Lillo-Martin (1986) e Padden (1990) mostram que, afinal, mesmo nestas frases, a estrutura é SVO, uma vez que é a segunda parte da estrutura que exprime o evento central. Os pontos inicial e final do movimento do verbo DAR, enquanto marcas morfossintáticas de concordância com o S e o OI, funcionam como afixos verbais - um processo gramatical específico dos *agreement verbs* (Padden, 1988; 1990) – similares aos processos de cliticização das LO.

Outros exemplos merecem a nossa atenção. Veja-se o exemplo (32).

(32) DOIS NAMORADOS/RAPAZ DAR NAMORADA DELE (Ex. II, A.2)

Pela existência de uma pausa entre o primeiro SN e os restantes elementos da frase, poderíamos integrar a construção (32) na estratégia de apresentação dos referentes; no entanto, parece-nos mais um exemplo de tópico não retomado por uma expressão interna ao comentário. Assim, DOIS NAMORADOS é um tópico claramente externo à frase contida no comentário, estabelecendo com os argumentos S e OI uma relação semântica. Nesta frase, o OD não foi realizado pelo gestuante, nem por SN nem por CL, pensamos que talvez por esquecimento¹⁶.

Outro exemplo interessante do corpus é o que apresentamos em (33).

¹⁶ No entender de um dos revisores anónimos, na base da ausência do OD realizado lexicalmente por SN na posição pós verbal podem estar razões de processamento, dado que podemos estar perante uma elipse motivada pela realização de tópico semântico inicial.



(33) MENINO DAR PRESENTE DAR_{CL} MENINA (Ex. I, T2, C.1)

Nesta construção, há uma realização dupla do verbo, obtendo-se a ordem S V OD V_{CL} OI. Na primeira ocorrência, o V apresenta-se na sua forma neutra e na segunda apresenta concordância com o OD, pelo uso do CL. Seguindo a tendência antes descrita, o verbo de concordância parece permitir a subida do OD. Aceitaremos a ideia segundo a qual estamos perante uma realização de uma cópia verbal, motivada pela existência de concordância com OD e licenciada pela marcação de foco. O foco, nas LG, envolve núcleos de sintagma, pela projeção de cópias do elemento que se pretende que evidencie a informação com acentuada interpretação fonológica. Também na LIBRAS construções deste tipo são analisadas como construções com foco (cf. 34), em que “o elemento duplicado sobrevivente ocupa a posição final” (Quadros & Karnopp, 2004: 170).

(34) a) EU PERDER LIVRO <PERDER> (Quadros & Karnopp, 2004: 172)

b) [_{FP} [EU ~~PERDER~~ LIVRO]_i] <[_F PERDER] [_{IP} t_i] > (Quadros & Karnopp, 2004: 181)

O traço [+ foco] permite o apagamento do primeiro elemento da construção dupla, uma vez que a relação de c-comando que se estabelece entre o núcleo da categoria FOCO e IP (ST) permite a reconstrução da estrutura para a interpretação, como em (34 b) (Quadros & Karnopp, 2004: 180).

Finalmente, um outro exemplo encontrado no *corpus* merece uma análise particular.

(35) PAI DAR MÃE LIVRO (Ex. II, C.1)

Em (35) poderemos estar perante aquilo que nas LO se chama Construção de Duplo Objeto, isto é, uma construção em que o OI é marcado pela posição imediatamente pós-verbal, seguido do OD. Nas LO tal construção tem sido analisada como resultado de incorporação de uma preposição nula no V, o que permite a dupla atribuição de caso objetivo (Baker 1988,



Gonçalves, 1990, para o Português de Moçambique). Precisaremos de mais dados para poder afirmar que também a LGP permite Construções de Duplo Objeto, dado que é uma língua sem realização linguística de preposição em qualquer posição em que o OI ocorra.

4. Proposta de análise sintática

Aceitaremos a ideia de que as LG apresentam o mesmo tipo de sintaxe que tem sido proposta para as LO, baseada em princípios comuns de binarismo e hierarquia, em que as operações sintáticas fundamentais são *merge*, *agree* e *move*.

O SV é a categoria lexical mais baixa na estrutura, mas algumas categorias funcionais justificam-se. Relativamente à estrutura argumental do SV, partiremos da ideia de uma “shell structure”, na linha do proposto por Larson (1988) para as construções ditransitivas em Inglês, com a diferença de que a LGP, assim como outras línguas gestuais, parecem admitir preposições nulas (cf., e.o., Leeson & Saeed, 2012).

A existência de concordância do V com o OD nas línguas gestuais (LG) justificou que, nos anos 90, diversos investigadores de LG adotassem estruturas com categorias funcionais do tipo das propostas no modelo de Chomsky (1993), como AgrSP e AgrOP, respetivamente para a concordância com o S e com o OD (cf. Aarons *et al.*, 1992; Bahan, B., 1996, para a ASL).

Quanto a AgrSP, tal não se justifica, uma vez que a concordância com o S é inexistente e, por isso, apenas a categoria funcional ST é importante. Embora um nó do tipo AgrOP se pudesse justificar para as LG, dada a importância da concordância com o objeto (cf. Quadros & Karnopp, 2004), propomos que o “papel” desempenhado por AgrOP pode ser descrito por vP (cf. Programa Minimalista).

O V não sobe para T, porque não há traços de tempo a validar pelo verbo, uma vez que as informações temporais são dadas em LGP por auxiliares ou advérbios, projetados em T ou em especificador de ST. Mas poderá subir para ASP ou para Voz; com efeito, ASP é uma categoria funcional relevante nesta língua; no entanto, como os contrastes aspetuais podem ser dados, de novo, por auxiliares e advérbios, assumiremos a subida para Voz.



Com o movimento do S Agente para especificador de ST e o movimento de OD Tema para especificador de vP, explicar-se-ia imediatamente a ordem S V OD OI, que pensamos ser a ordem básica das construções ditransitivas em LGP. Mas há mais a dizer, como vimos acima.

O OI mantém-se em geral na sua posição básica; mas, por vezes, sobe para a esquerda do OD, num movimento que pensamos ser do tipo de “scrambling” (movimento por razões discursivas e que pode ser descrito como adjunção à esquerda a uma projeção verbal), como em (13) e (28 / 30), aqui repetidos em (36) e (37):

(36) PAI DAR MÃE LIVRO (Ex. II, C.1) (sem uso de classificador).

(37) MENINA_a MENINO_b MENINA_a FLOR_a DAR_{CLb} (Ex. I, T1, B.1)

Como dissemos anteriormente, os dados de que dispomos não apontam para uma construção do tipo Construção de Duplo Objeto em LGP, dado o reduzido número de frases com a ordem S V OI OD; e (38) pode ser obtida por um tópico de introdução de referente.

Encontrámos uma produção que aponta para movimento por cópia do V DAR, o exemplo (33), aqui repetido em (38):

(38) MENINO DAR PRESENTE DAR_{CL} MENINA (Ex. I, T2, C.1)

O aspeto interessante de (38) é o facto de esta produção conter a segunda cópia do verbo com incorporação de classificador do OD, entretanto movido para uma posição mais à esquerda.

Assim, este tipo de construção levanta questões importantes:

- (i) haverá um movimento duplo, primeiro move-se o OD e depois o verbo, com argumentos nulos ou incorporados?
- (ii) haverá um movimento do constituinte [V' [V [Tema]]] no seu todo?
- (iii) haverá movimento por cópia de OD, sendo a cópia de OD realizada através de um vestígio incorporado no V sob a forma de CL?

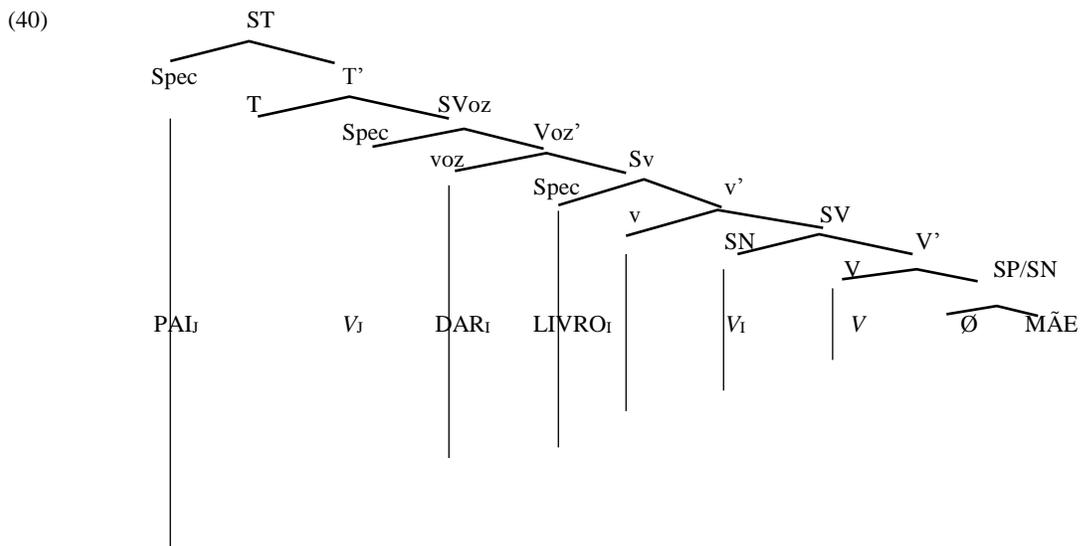


Repare-se que esta última hipótese – a de movimento por cópia de OD, sendo a cópia de OD realizada através de um vestígio incorporado no V sob a forma de CL – parece igualmente plausível para um exemplo como (19), aqui repetido em (39):

(39) MENINO PRESENTE DAR_{CL} MENINA (Ex. I, T2, B.2)

Esta hipótese justificaria várias produções com ordem à superfície SOV, tantas vezes encontradas nas produções formais e informais em LGP. Também para a LIBRAS, um mecanismo semelhante é descrito para justificar a sobrevivência da cópia baixa do verbo quando este carrega as marcas de concordância, mecanismo este aproximado ao foco de final de frase (cf. análise do exemplo apresentado em (34); Quadros & Karnopp, 2004:181).

Assim sendo, pensamos ser a seguinte a estrutura sintática comum aos exemplos analisados:



Sobre esta estrutura aplicam-se movimentos de constituintes, alguns dos quais já indicados. Como mostramos em (40), a sintaxe verbal contém, pelo menos, três níveis estruturais, vP, VP antecedidos por uma categoria funcional do tipo SVoz (VoiceP), categoria introduzida por Kratzer (1996) para dar conta da inserção do S, argumento externo (cf. também Alexiadou 2001, Alexiadou *et al.*, 2011).



Neste sentido, proporemos a subida do V principal para a categoria funcional SVoz, categoria capaz de albergar a subida do verbo (não excluindo, no entanto, a hipótese de outras categorias como SAsp). O OD Tema sobe para esp de vP e é isso que explica a ordem SVO.

Na LGP a subida do verbo pode fazer-se por movimento por cópia, o que poderá explicar a realização lexical de duas cópias verbais em frases como (38). A aceitar esta ideia, conseguiremos também explicar as estruturas S OD OI V, sendo que é a cópia alta (e, neste aspeto, ao contrário do que geralmente acontece nas LO) que não é pronunciada; só a cópia baixa, a que tem marca de concordância, é pronunciada, também, ao que parece, devido ao facto de em LG o foco estar sempre em final de frase, como se verifica em (40).

Na maior parte das construções do *corpus*, o OI é realizado por um SN em final de frase, supostamente encabeçado por uma preposição nula que poderá, à semelhança do que ocorre em certas LO, atribuir o caso dativo e justificar a não subida deste argumento. Nestas circunstâncias, não é ativada a operação de concordância e o OI não se desloca da posição em que é gerado; no entanto, em construções em que o OI aparenta ter sido deslocado da sua posição base, é sistematicamente encontrada uma marca de concordância no V (o movimento de trajetória, p.e.), o que pode funcionar como mais um argumento a favor da ordem S V OD OI como sendo a ordem básica.

Contudo, outros dados teriam de ser analisados. Na ausência de tais dados, assumimos que a ordem não marcada em LGP é S V OD OI e que não há um segundo padrão de ordem de palavras, como nas línguas de alternância dativa.

Algumas conclusões

Na sequência de Bettencourt (2015), pensamos ter mostrado que a LGP é basicamente uma língua SVO, e que a realização de gestos que indiciam a introdução de um ou mais referentes no discurso e que pode ser considerado como resultado de topicalização(ões) não põe em causa a ordem dominante nesta língua.

Tentámos mostrar que a LGP, tal como as outras línguas gestuais, apresenta o mesmo tipo de sintaxe que tem sido proposta para as LO, baseada em princípios comuns de binarismo e hierarquia, em que as operações sintáticas fundamentais são *merge*, *agree* e *move*. Para além da



categoria lexical SV, justificam-se categorias funcionais, não só para dar conta de diferentes padrões de ordem de palavras, mas principalmente como forma de legitimar e validar traços de constituintes que se movem. No entanto, a aplicação de estruturas altamente hierarquizadas, utilizadas para as LO, não parece fazer grande sentido nas LG, dada a modalidade manuomotora e visuoespacial destas línguas. Assim, parece plausível que aquilo que poderia ser encarado como uma Topicalização ou como dupla Topicalização tenha de ser reanalisado e em alguns casos interpretado como uma primeira apresentação da situação, com a função de introdução dos referentes (cf. Padden, 1990; Lillo-Martin, 1986). Desse modo, pode manter-se a ideia de que a ordem não marcada em LGP é a SVO, ao mesmo tempo que se descrevem e explicam outros padrões de ordem.

Sugerimos que a sintaxe da LGP é marcada por movimentos de núcleos e de projeções máximas; entre eles, propusemos que há movimento por cópia de OD, sendo a cópia de OD realizada através de um vestígio incorporado no V sob a forma de CL.

Tudo isto aponta para uma gramática própria nesta língua, altamente subsidiária do uso do espaço sintático.

Referências

- Aarons *et al.* (1992). Clausal Structure and a Tier for Grammatical Marking in American Sign Language. *Nordic Journal of Linguistics* 15, pp. 103-142.
- Alexiadou, A. (2001). *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins.
- Alexiadou, A. (2006). On the morphosyntax of (anti-)causative verbs, disponível em <http://ealing.cognition.ens.fr/ealing2006/handouts/alexiadou1.pdf>
- Alexiadou, A., Iordăchioaia, G. & Schäfer, F. (2011). Scaling the Variation in Romance and Germanic Nominalizations. In Sleeman, Petra & Harry Perridon (eds.). *The Noun Phrase in*



Romance and Germanic: structure, variation and change. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-40.

Allan, K. (1977). Classifiers. *Language*, 53, pp. 285-311.

Amaral, M. A. et al. (1994). *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Bahan, B. (1996). *Non-manual Realization of Agreement in American Sign Language*. Doctoral Dissertation, Boston University.

Bahan, B. et al. (2000). The Licensing of Null Arguments in American Sign Language. *Linguistic Inquiry* 31-1, pp. 1-27.

Bettencourt, M. F. (2015). *A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa. Breve estudo comparativo com o Português e outras Línguas Gestuais*. Tese de Mestrado apresentada à FLUP em Linguística. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81266/2/125759.pdf>

Cecchetto, C.; Geraci, C.; Zucchi, S. (2006). Strategies of relativization in Italian Sign Language. *Natural Language and Linguistic Theory*, 24, pp. 945-975.

Chomsky, Noam (1993). A Minimalist Program for Linguistic Theory. In Ken Hale and Samuel J. Keyser (eds) *The View from Building 20*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press

Choupina, C. M. (2015). Linearidade vs. simultaneidade: alguns casos de articulação em Língua Gestual Portuguesa. Comunicação apresentada ao *XIX Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, em 5 e 6 de maio, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da UTAD.

Costa, J. (2009). A focus-binding conspiracy. Left-to-right merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. In Craenenbroeck, Jeroen van (org.) *Alternatives to Cartography*. Walter de Gruyter, pp. 87-108.

Delgado-Martins, M. R. (1996). Língua gestual: uma linguagem alternativa. In Isabel Hub Faria et al. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 103-112.

Duarte, I. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*, PhD. Diss., Universidade de Lisboa.



- Faria, I. H. *et al.* (2001). Predicados de movimento em Língua Gestual Portuguesa, n.º 4. *Revista Polifonia*. Lisboa: Colibri, pp.87-98.
- Felipe, T. (2002). Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In *Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES. 7º. Seminário Nacional do INES*. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas, pp. 37-58.
- Felipe, T. A. (1989). A estrutura frasal na LSCB. In *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife.
- Ferreira Brito, L. (1995). *Por uma gramática das línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ: Rio de Janeiro.
- Fischer, S. (1973). Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. In *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. Citado por Quadros & Quer (2008).
- Fischer, S. (1975). Influences on word order change in American Sign Language. In *Word order and word order change*, ed. C.N. Li, 1-25, Austin: University of Austin Press.
- Friedman, L. (1976). The manifestation of subject, object, and topic in American Sign Language. In *Subject and topic*, ed. C.N. Li, New York: Academic Press, pp. 127-148.
- Graça, D. *et al.* (1999). A Língua Gestual Portuguesa como um Sistema linguístico: análise de alguns verbos. In *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*. Associação Portuguesa de Linguística: Braga.
- Greenberg, J. H. (1966). *Universals of language*. Cambridge: MIT Press.
- Hulst, H.G. van der (1993). Units in the analysis of signs. *Phonology* 10/2., pp.209-241**
- Kimmelman, V. 2011. Word order in Russian Sign Language: An extended report. *Linguistics in Amsterdam*, 5(1), pp. 1-56.
- Kratzer, A. (1996). *Severing the external argument from the verb*. In J. Rooryck & L. Zaring (orgs.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, pp.109-137.
- Larson, R. (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry*. 19, pp. 335-392.
- Leeson, L. & Saeed, J. (2012). Word order. In R. Pfau, M. Steinbach e B. Woll (eds.). *Sign Language: An International book*. Berlin: Mouton De Gruyter. Pp. 245-265.



- Liddell, S. (1980). *American Sign Language Syntax*. Mouton Publisher. The Hague.
- Lillo-Martin, D. C. (1986). *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. PhD. Diss., University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan.
- Maclaughlin *et al.* (2000). Morphological Inflections and Syntactic Representations of Person and Number in ASL. *Recherches Linguistiques de Vincennes* 29, pp.73–100
- Meir, I. (1998). Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language Verbs. *Sign Language and Linguistics*, v. 1.1, pp. 3-37.
- Meir, I. (2002). A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement. *NLLT*, v. 20, pp. 413-450.
- Meir, I. *et al.* (2007). Body as subject. *Journal of Linguistics*, 43, pp. 531-563.
- Milkoviá *et al.*, (2006). Word order on Croatian Sign Language. *Sign Language & Linguistics* 9:1/2, pp.169-206.
- Nascimento, S. & Correia, M. (2011). Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos. Lisboa: UC/Pro_LGP.
- Padden, C. (1988). *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. New York: Garland Publishing.
- Padden, C. (1990). The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In *Sign language research – theoretical issues*. New York: Garland, pp. 118-132.
- Pizzio, A.; Campello, A. R.; Rezende, P. L. & Quadros, R. M. de (2009). *Língua Brasileira de Sinais III*. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade à Distância. UFSC/Centro de Comunicação e Expressão: Florianópolis. 36p.
- Quadros, R. M. & Karnopp, L. B. (2004). *Língua de sinais brasileira. Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Quadros, R. M. & Quer, J. (2008). Back to back(wards) and moving on: on agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. In R. M. Quadros & M. L. B. de Vasconcellos (Orgs.). *TISLR 9. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*, Florianópolis, dezembro, 2016. Tradução para Português. Brasil: Editora Arara Azul, pp.65-81.
- Quadros, R. M. de (1999). *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre.



Quadros, R. M. de (2011). Libras IV. In E. M. Brito de Faria & M. C. de Assis (orgs.). *Língua Portuguesa e Libras. Teoria e prática 5*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, pp. 11- 61. ISBN: 978-85-7745-847-9.

Rizzi, L (1997) The fine structures of left periphery. In L Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*, pp. 281-337. Kluwer Academic Publishers.

Spread the Sign, dicionário multilingue das línguas gestuais internacional, *on line*. Disponível em <https://www.spreadthesign.com/pt/>.

Sze, Y. B. F. (2003). Word order of Hong Kong Sign Language. In A. Baker; B. van den Bogaerde & O. Crasborn (Eds.) *Cross-linguistic perspectives in sign language research. Selected papers from TISLR 2000*. Hamburg: Signum, pp. 163-192.

Volterra, V.; Corazza, S.; Radutsky, E. & Natale, F. (1984). Italian Sign Language: The order of elements in declarative sentences. In F. Loncke, P. Boyes-Braem & Y. Lebrun (eds.), *Recent research on European sing languages*. Lisse: Swets and Zeitlinger, pp. 19-48.

Anexo 1

Estratégia de recolha de dados I, Tarefa 1 – Produção elicitada e compreensão em LGP

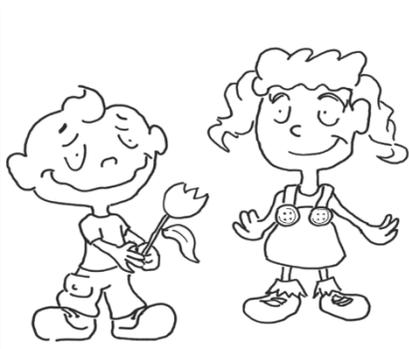


Ilustração 1a - Estímulo visual não-verbal (Estratégia 1, T1)



Ilustração 1b - Estímulo visual não-verbal (Estratégia 1, T1)



Anexo 2

Estratégia de recolha de dados, Tarefa 2 – Produção elicitada



Ilustração 2 - Estímulo visual não-verbal (Estratégia 1, T2)

